

"A morte em segredo": moralidades e falência civilizacional na pandemia da Covid-19, Brasil

"The death in secret": moralities and civilizational bankruptcy in the Covid-19 pandemic, Brazil

Fanny Longa Romero¹

Doutora em Antropologia Social Universidade Internacional de Integração da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Raoni Borges Barbosa²

Doutor em Antropologia Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAnt da Universidade Federal do Piauí – UFPI

Recordar é um ato ético, tem um valor ético em si mesmo e por si mesmo. A memória é, de forma dolorosa, a única relação que podemos ter com os mortos. (Susan Sontag. *Diante da dor dos outros*, 2003, p. 96)

Me separa de los muertos / Un muro de malos sueños. (Federico Garcia Lorca. *Gacela Del recuerdo del amor*. 2014, p. 32)

Resumo

O artigo problematiza a produção de moralidades em disputa no contexto atual da morte por Covid-19 no Brasil, em que se configura um cenário pandêmico de grave crise sanitária e tragédia nacional expressas em mais de 600 mil óbitos oficiais. Parte do pressuposto da emergência de (a)moralidades como novas configurações de sociabilidade na medicalização do "kit covid" e na ocultação de mortes por Covid-19. Busca entender de que modo a questão de moralidades, atrelada a uma específica vocação política na gestão de corte neoliberal da pandemia, instaura uma falência civilizacional e, em consequência, uma crise social e anticivilizatória no país. A metodologia da análise é qualitativa e tem com base reportagens e notícias atualizadas da mídia impressa e virtual e de quadros situacionais performáticos referentes à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, realizada no Senado Federal.

Palavras-chave: Pandemia; Morte; Falência civilizacional; Moralidades; Estado.

¹E-Mail: flongaromero@unilab.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2750-6119>.

²E-Mail: raoniborgesbarbosa@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2437-3149>.

Abstract

Abstract: This article discusses the production of moralities in dispute placed at the actually context of death by Covid-19 in Brazil, in which a pandemic scenario of serious health crisis and national tragedy is set up, expressed in more than 600,000 official deaths. It assumes the emergence of (a)moralities as new configurations of sociability in the medicalization of the "covid kit" and in the concealment of deaths by Covid-19. It seeks to understand how the question of morality, linked to a specific political vocation in the neoliberal management of the pandemic, establishes a civilizational bankruptcy and, consequently, a social and anti-civilizing crisis in the country. The analytical methodology is qualitative and is based on up-to-date reports and news from the print and virtual media and on situational performatic frames referring to the Covid-19 Parliamentary Inquiry Commission (CPI) made in the Federal Senate.

Keywords: Pandemic; Death, Civilizational bankruptcy; Moralities; State.

Introdução

O artigo problematiza a produção de moralidades em disputa no contexto atual da morte por Covid-19 no Brasil, um cenário pandêmico de grave crise sanitária e tragédia nacional expressos em mais de 600 mil óbitos oficiais. Discute a ação concertada de empreendedores morais e políticos ultrarreacionários, que nega a produção de mortes por Covid-19 e, conseqüentemente, afirma uma agenda doutrinária de novos sentidos de vulnerabilidade individual e coletiva em que as vítimas por Covid-19 não existem.³

A análise parte do pressuposto da emergência de (a)moralidades no Brasil como novas configurações de conduta e sociabilidades a partir de arranjos relacionados com a narrativa do negacionismo da ciência, a medicalização da doença, o chamado "kit covid" e a ocultação de mortes por Covid-19. Busca entender como a questão de moralidades, atrelada a uma específica vocação política (WEBER, 1974) na gestão da pandemia, instaura uma falência civilizacional e, em consequência, uma crise social e anticivilizatória no país.⁴

O percurso analítico foi influenciado pela reportagem "A Morte em Segredo", da

³ O título deste artigo, "A Morte em Segredo", é inspirado na reportagem publicada pela *Revista Piauí*, em 21 de setembro de 2021.

⁴ No momento da escrita deste texto, os números de óbitos por Covid-19 somavam 618.575 de vidas perdidas no Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/12/27/brasil-registra-91-mortes-covid-media-movel-fica-96.ghtml>. Acesso em 28.12.2021). Este artigo foi escrito em homenagem à memória do professor e pesquisador Mauro Guilherme Pinheiro Koury, destacado sociólogo e intelectual brasileiro que nas suas últimas obras publicadas realizou um sofisticado investimento analítico conceitual e teórico-metodológico da temática da pandemia da Covid-19 no Brasil. O professor Koury é uma das vítimas fatais da Covid-19, em um país marcado pela inoperância política na gestão da pandemia.

Revista Piauí, que descreve a evolução clínica e a suposta causa da morte por Covid-19 do médico pediatra Anthony Wong, após internação em unidade hospitalar da rede Prevent Senior, investigada pela Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 do Senado Federal sob suspeita de graves irregularidades médico-sanitárias e de omissão da causa de mortes por Covid-19. A ocultação da causa da morte do médico bolsonarista, em segredo sob tutela da rede, torna relevante a análise desse escândalo e de sua articulação nas altas esferas médico-sanitárias, político-burocráticas e socioeconômicas do país para a construção pública de regimes de verdade (FOUCAULT, 2014; 2016).

Nesse contexto, a noção simmeliana de segredo (SIMMEL, 2006; 2011; 2013) interpela sobre a produção cotidiana da violência na gestão oficial da pandemia. A morte em segredo, como fenômeno social, suscita questões socioantropológicas sobre segregação e manipulação pública da morte e do morrer (KOURY, 2020) para a construção de posturas morais e dividendos políticos.

Como a gestão institucional da pandemia no Brasil gera uma violência que se entranha na micropolítica das relações cotidianas? Como as "ansiedades públicas" (DAS, 2020) criam e ressignificam configurações sociais em situações-limite? Como entender segredo e ocultação da morte por Covid-19 enquanto estratégia de administração de tensões morais e fachadas (GOFFMAN, 2010; 2012; 2012a), em situações de falência civilizacional (ELIAS, 2011; 2011a) e fracasso institucional? Como pensar a negação da morte por Covid-19 em uma lógica de produção de moralidades amorais? Como essa negação sistemática do humanismo descamba na produção da barbárie (LÉVI-STRAUSS, 1980), conformando lutos interditados e indizíveis? (KOURY, 2003 e 2011).

O artigo buscou ampliar a reflexividade no campo analítico da Antropologia e Sociologia das Emoções e Moralidades, adensando conhecimentos no âmbito da intimidade cotidiana em que morte e luto são fenômenos encarnados nas pessoas vitimadas em distintos graus pela gestão política da pandemia da Covid-19. De recorte qualitativo, além da reportagem da revista Piauí, usamos depoimentos do presidente Bolsonaro com relação à pandemia veiculados na mídia impressa e virtual. O modelo analítico situacional goffmaniano de quadros performáticos (GOFFMAN, 2010; 2012; 2012a) guiou o tratamento dos dados de pesquisa com referência à CPI da Covid-19, notadamente através do depoimento da advogada dos médicos da rede Prevent Senior.

O artigo estrutura-se em dois momentos reflexivos. O primeiro discute a problematização histórica da governamentalidade da morte e a manipulação do corpo

(FOUCAULT, 2016) e do ato do morrer no Brasil (KOURY, 2003; 2011) como aspectos imbricados na construção de discursos em lógicas de saber-poder. Buscamos entender de que modo a "morte em segredo" por Covid-19, no âmbito institucional médico, configura-se em quadros situacionais performáticos sobre a medicalização da doença, com remédios e tratamentos sem eficácia comprovada para o SARS CoV-2. A análise problematiza, em seguida, os quadros situacionais performáticos como atos encenados na "corte" bolsonarista, explicitados no marco da CPI da Covid-19.

“123 profissionais e um segredo”: a ocultação da morte por COVID-19

No Brasil do século XIX, a esfera religiosa perde autonomia no testemunho da materialidade oficial da morte e do morrer. Já não são os registros eclesiásticos que atestam a comprovação da morte, e, sim, o registro cartorial de tal forma que a causa médica da morte torna-se um requerimento importante na obrigatoriedade da emissão do atestado de óbito.⁵ (LIMA e CARRIELI, 2019).

Nesta primeira parte do artigo, buscamos traçar um breve percurso analítico sobre a problematização histórica da governamentalidade da morte e a manipulação do corpo (FOUCAULT, 2016), e do ato do morrer no Brasil (KOURY, 2003; 2011) na construção de discursos enquanto dispositivos de sistemas de verdade e lógicas de saber-poder. (AIRÈS, 2014; LIMA e CARRIELI, 2019; VASCONCELOS, 1998).

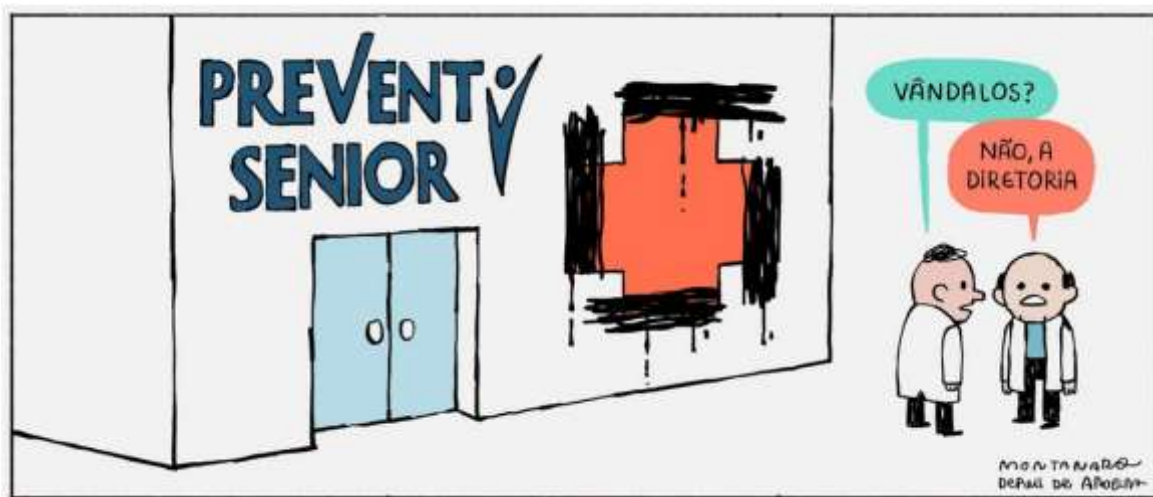
Como, então, o domínio público da morte no Brasil pode revelar-nos pistas sobre o que Foucault chama de "regime geral da existência" (FOUCAULT, 2016, p. 28) sobre o corpo e o saber-poder da medicina? O regime geral de existência deve ser compreendido e correlacionado com a noção de "arte de viver" que engloba momentos da existência a respeito da "arte de morrer": preparar-se para a morte, pensando nela antecipadamente e tomando providências para a passagem, que envolve modos da vida como dispositivo de disciplinamento das microrrelações, experiências íntimas e cotidianas. Como momento importante desse regime, a arte de morrer envolve um modo de conduzir-se, de como "devemos nos comportar" (FOUCAULT, 2016, p. 27-28).

⁵ Embora em 1814 se apresente a primeira tentativa de registros de óbito como ato governamental, e fora da esfera do poder eclesiástico, é o Decreto de 1888 que estabelece no Brasil a obrigatoriedade do registro civil de nascimentos, casamentos e óbitos. (LIMA E CARRIELI, *op.cit.*).

Ao tomar conhecimento da reportagem "A morte em segredo", a primeira questão que chamou nossa atenção foi a revelação de que a causa da morte de Wong, *uma celebridade nas redes sociais bolsonaristas*, foi *escondida por 123 profissionais do hospital da Prevent Senior*.⁶

Ao situarmos o discurso da rede Prevent Senior como tecnologia de saber-poder, é possível identificar os regimes de verdade em torno da ocultação da morte por Covid-19. Foucault (2014) explica as correlações das rarefações do discurso em torno de princípios ou sistemas de exclusão de interdição, separação, rejeição, limitação. Ao focar na análise da "disciplina" como campo de saber-poder, o autor aborda a noção de proposição do discurso como um dispositivo de elementos heterogêneos, ideias, práticas, saberes, poderes, instituições, conhecimentos e objetos no marco de escalas históricas diversas.

Imagem 1: Ao fundo, fachada da Prevent Senior com o símbolo da Cruz Vermelha 'vandalizado' por marcas de pingo que o convertem na Hakenkreuz (Suástica Nazista).



Fonte: Recorte de imagem veiculada em grupos de WhatsApp no início do mês de outubro de 2021.
Editado pelos autores. Charge assinada como *Montanaro depois de Aroreia*.

No campo da medicina do século XIX, por exemplo, uma proposição poderia correr sérios riscos de ser exilada do campo disciplinar médico, em especial, quando recorria a uma conjunção de formas metafóricas e noções de substância do tipo "engasgo", "líquidos esquentados", "sólidos ressecados" (FOUCAULT, *op. cit*, p. 30). Uma forma discursiva diferente se impõe a partir de um modelo fisiológico e funcional em que termos como "irritação", "inflamação" ou "degenerescência de tecidos" (FOUCAULT, *op.cit*, p. 30) tornam-se inscritos em um novo saber disciplinar.

⁶ <https://piaui.folha.uol.com.br/morte-em-segredo/>.

A revista Piauí, conforme ela mesma indica, *teve acesso ao conteúdo do prontuário médico de Wong em que se descreve todo o tratamento até sua morte*:

*No dia da internação, segundo consta do prontuário médico, **Wong autorizou ser medicado com o "kit Covid" da Prevent Senior, composto de hidroxicloroquina, azitromicina e ivermectina. O tratamento precoce durou quatro dias, e Wong passou a usar outros remédios, todos sem comprovação pela ciência. Recebeu heparina inalatória, cujo efeito em infecções virais é desconhecido, e metotrexato venoso, tradicionalmente prescrito no tratamento de doenças autoimunes e inflamatórias crônicas, como artrite, mas sem efeito comprovado contra a Covid. Juntamente com essa leva de tratamentos experimentais, Wong recebeu mais de vinte sessões de ozonioterapia retal, tratamento que até mesmo o Ministério da Saúde no governo Bolsonaro desaconselha** (PIAUI 2021, o destaque em negrito é nosso).*

O corpo é um dispositivo de saber-poder. A experimentação da rede Prevent Senior é uma inscrição sobre o corpo da pessoa vitimada pela Covid-19. Tal experimentação é uma forma de poder que pode condensar o suplício, a moral cristã, a vigilância e a punição normalizadora (FOUCAULT, 2014) e que, ao mesmo tempo, pode incluir a culpa, a expiação e a banalidade do mal (ARENDT, 2008 e 2010; AMÈRY, 2004). A relação entre a fomentação de ódio, a banalidade do mal e o "fazer parte do grupo" (ARENDT, 2001, p. 322), é o princípio orientador de um sentimento de poder que lhe permite à Prevent Senior legitimar suas vontades-ações de produção de morte, conforme uma lógica neoliberal e uma política negacionista instalada no Brasil que mostra resistência em entender o sofrimento das pessoas e as mazelas sociais no enfrentamento da Covid-19.

Ao voltar à fonte jornalística, percebe-se que a Piauí informa não haver *qualquer menção à morte por Covid no atestado*. Antes disso, no entanto, a reportagem detalha a combinação do tratamento precoce com as tecnologias do processo de intubação:

No nono dia de tratamento, Wong desenvolveu uma hemorragia digestiva que, segundo o prontuário, foi revertida em menos de 24 horas, depois de ele ter recebido transfusões de sangue. **Durante o restante do período de intubação, ele deixou de ser medicado com o kit Covid — ficou apenas com a ozonioterapia e o metotrexato venoso.** Wong também desenvolveu insuficiência renal e foi submetido a frequentes sessões de diálise, que filtram o sangue quando o rim já não consegue mais eliminar as toxinas do corpo. O médico foi ainda retirado da intubação e **submetido a um procedimento, mais invasivo, de traqueostomia, que consiste na inserção de um tubo na traqueia para permitir a respiração.** Ao final de seus dias, o médico fora infectado por uma pneumonia bacteriana que não cedia à medicação aplicada. Era outra consequência da Covid, já que respiração mecânica oferece o risco de

infecções bacterianas. **A infecção se espalhou pelo corpo, resultando em um choque séptico, que provocou a falência dos órgãos e uma parada cardiorrespiratória.** (PIAUI, 2021, o destaque em negrito é nosso).

A relevância da ocultação da morte por Covid-19, já explícita no atestado de óbito e negação de causa mortis, diz o seguinte: *choque séptico, pneumonia, hemorragia digestiva alta e diabetes mellitus*, nos induz a problematizar a noção de segredo de Simmel (1950). Na perspectiva simmeliana, o segredo ocupa o coração de jogos simbólicos, de alianças, hierarquias, pactos, limites, classificações e traições em relações sociais sempre tensas, ambíguas e conflituais.

A partir da discursividade da reportagem da Piauí, percebe-se que não se coloca em segredo a morte do médico Wong para evitar o escárnio social apenas, mas para legitimar o fundamentalismo da política negacionista que conduz ao tratamento precoce⁷.

A ocultação da morte por Covid-19 revela um *modus operandi* tipicamente negacionista da existência da pandemia e da veracidade do tratamento das vacinas contra a Covid-19. Não está em jogo aqui o debate sobre as maneiras de morrer nem as configurações históricas e atitudes sociais diante da morte (AIRÈS, 2014), e sim de que modo, em um tempo de pandemia, a morte de um indivíduo perpassa uma constelação de falência social instalada nos *moldes de um choque da ignorância e produção de moralidades amorais*.

Os discursos e práticas do negacionismo, gerenciados e produzidos pela esfera política oficial, não apenas negam a veracidade do tratamento das vacinas, mas também são responsáveis pelo agravamento do colapso sanitário no país. Tal política não fala sobre as vítimas da Covid-19, no sentido mais encarnado do termo, antes prefere lançar a campanha "o Brasil não pode parar" contrariando a necessidade das medidas de isolamento social⁸.

Sustentamos que a lógica negacionista cria e ressignifica "ansiedades públicas" (DAS, 2020, p. 44) no âmbito de uma gestão político-institucional da pandemia que se entranha na micropolítica das relações cotidianas, e nas práticas comuns (DE CERTEAU, 2014), mas também são susceptíveis de possibilitar novos arranjos, táticas de sobrevivência e

⁷ Isso parece convergir com "a teoria de um tratamento", em referência ao depoimento da advogada Bruna na CPI, uma sorte de pedagogia disciplinar da "proteção" do kit covid enviado via correios pela rede empresarial Prevent Senior.

⁸<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contramedidas-de-isolamento/>.

de resistências diversificadas. O negacionismo instalado no Brasil cria contextos de produção de moral nesses tempos de pandemia. Uma pergunta importante é indagar se é possível falar de vítima ou vitimado pela Covid-19, aquele que não acredita no vírus. Ou seja, está em questão nas estratégias de manipulação, à Goffman, a questão da vulnerabilidade. Ao parecer, o médico da matéria e os que buscam camuflar "o segredo" da sua morte não se sentem vulneráveis nem vítimas, por isso necessitam legitimar que a causa da morte não é o vírus.

A elaboração do segredo, em Goffman (2012), pode usar de estratégias de manipulação de informações, de papéis sociais e de públicos. No caso da morte de Wong, temos médicos usando a fachada do papel social de cientistas/pesquisadores para construir lógicas actanciais de economia ilegal para o desmonte institucional de políticas públicas que fere as configurações históricas mais básicas de civilidade e de pacto social.

Quadros situacionais de um escândalo midiático

O presente tópico realinha a discussão socioantropológica sobre o intertexto do discurso político negacionista relatado na reportagem "A morte em Segredo", enfatizando os quadros situacionais na perspectiva do interacionismo simbólico goffmaniano do escândalo midiático e das emoções ali envolvidas. Nesse sentido, busca evidenciar o emaranhado simbólico de violências, ocultação, silenciamento, constrangimento no microuniverso da Prevent Senior, enquanto estratégia de administração de tensões morais e fracasso institucional.

Um dos aspectos-chave para vislumbrar no intertexto a violência refere-se à medicalização da doença Covid-19 não só por parte de empreendedores morais, como a operadora de saúde, mas também por atores filiados político-ideologicamente ao bolsonarismo militante. O processo de medicalização é referido como *anais de denúncia* no relato jornalístico por usar uma linguagem um tanto sarcástica técnico-científica, roteirizando rabelaisianamente⁹ os procedimentos escusos de *ozonoterapia retal* e a experimentação com fármacos sabidamente ineficazes: o famigerado *kit covid*.

⁹Utilizamos aqui o termo rabelaisianamente para enfatizar o estilo sarcástico, burlesco e picaresco na escandalização do vexame e do ridículo em contos morais.

Imagem 2: “Silêncio Ensurdecedor” do Conselho Federal de Medicina diante do escândalo midiático da Prevent Senior fruto do tragicômico “Óbito também é alta!”.



Fonte: Recorte de imagem veiculada em grupos de WhatsApp no início do mês de outubro de 2021.
Editado pelos autores. Charge assinada por Fogo.

Esses elementos rabelaisianos podem ser apontados como **primeiro** quadro situacional-performático do escândalo: empresa e funcionários em uma ambiência de hierarquias porosamente difusas¹⁰ e envolvidos no segredo da morte e do morrer de Wong.¹¹

Tolstói (1973), na narrativa ficcional “A Morte de Ivan Illich”, problematiza essa cumplicidade diante do óbvio do adoecimento e da vitimidade. Atendendo ao discurso da medicina como saber-poder, a medicalização da Covid-19 opera como uma narrativa moral em uma *lógica ideacional negacionista* para a ocultação de produção da morte, uma necropolítica (MBEMBE, 2018) em que se reconhecem processos de medicalização da doença, da vida e da morte, legitimados pelo estatuto autoritário *do homem de ciência*. Temos aí, então, a narrativa ficcional de Tolstói que nos inspira nessa discussão e institui a conveniência da institucionalidade médica para a produção de moralidades, artes de viver e de morrer, de experimentação sobre o corpo e do sofrer. Em termos goffmanianos, esses contornos simbólico-interacionais apresentados nos interpelam

¹⁰De acordo com a reportagem: Segundo as comunicações do documento, percebe-se que a hierarquia das decisões era exercida por Yamaguchi, mas quem executava, na ponta, era Igarashi, sob orientação de Esteves. E a reportagem ainda enfatiza que: ‘Segundo o prontuário, a médica responsável pelo paciente era justamente Nise Yamaguchi.’

¹¹Após a publicação da reportagem, Nise Yamaguchi enviou uma nota à Piauí afirmando que não tratou de Wong, nem era a médica responsável por sua internação. (...) Ela não explicou por que seu nome consta do prontuário como médica de Wong, nem porque o presidente da Prevent Senior, Pedro Benedito Batista Jr, informou à CPI que ela acompanhara o paciente ao longo do tratamento a pedido da família de Wong.

sobre o dito e o não dito na reportagem da Piauí e do que podemos vislumbrar na intencionalidade de uma montagem moral de falência civilizacional. Esses aspectos expressam elementos simbólico-interacionais de mentira, de manipulação, de ocultação, de segredo de polichinelo e de segregação de conteúdos e plateias.

Em Goffman (2012, p. 534-600), *vulnerabilidades interacionais* significam uma experiência enquadrada na possibilidade de quebra de confiança, enganos e manipulações no jogo comunicacional. No caso em tela, a preservação de segredos e de pactos de confiança, sempre envolvidos na instabilidade da ruptura de vínculos e do medo da traição, são constatados nos enquadres hermenêuticos na reportagem da Piauí: *Os dados do prontuário constam de um processo movido pela Prevent Senior no Cremesp contra um médico acusado pela rede de vazar informações sigilosas sobre o estado de Wong*. Este segundo quadro situacional do escândalo midiático oscila entre consensos e dissensos circunstancialmente negociados, tensos e conflituais jamais resolvidos de todo. Uma vez mais recorremos à figura de Ivan Illich, em Tolstói (1973), como recurso compreensivo da relação de dependência e confiança do paciente ávido de cura com o saber-poder médico. Em síntese, esses quadros analítico-situacionais avançam para a problematização de um tecido em emoções e moralidades escandalizadas que tem como desfecho, inclusive, a própria morte em segredo do Wong por Covid-19.

Falência moral e sensibilidades éticas em jogo: a banalização do mal

Partimos para a análise dos quadros situacional-performáticos de moralidades amorais produzidos ao longo da CPI da Covid-19. Enfatizamos a noção eliasiana de corte para metaforizar a estética e a poética macabra da política de gestão da pandemia da Covid-19 por parte da corte presidencial bolsonarista. Elias (2011; 2011a) define a corte como elemento seminal na passagem do feudalismo para uma figuração social estamental e, em seguida, para a modernidade sob a violência física e fiscal da corte absolutista. Conforme Elias (2011a, p.19):

A sociogênese do absolutismo ocupa, de fato, uma posição decisiva no processo global de civilização. A civilização da conduta, bem como a transformação da consciência humana e da composição da libido que lhe correspondem, não podem ser compreendidas sem um estudo do processo de transformação do Estado e, no seu interior, do processo crescente de centralização da sociedade, que encontrou sua primeira expressão visível na forma absolutista de governo.

O argumento eliasiano analisa a importância da dimensão microanalítica de rituais cotidianos aparentemente banais no processo civilizador sócio- e psicogenético ocidental. A corte aparece como lugar e agência social central de exemplaridade, de cima para baixo, dos sentimentos e das mentalidades, dos modelos de boas maneiras e de gerenciamento de impressões, como também de expressão pública e legítima de constrangimento, de vergonha e medo, de desprezo e simpatia. Tal reflexão subsidia nossas considerações sobre a corte bolsonarista como palco performático, como vitrine moral e como elemento difusor de negacionismo que se articula, via *presidente bobo-da-corte*, em estratégias de *Image Making*, *Fake News*, *Manipulação de Palcos e Bastidores* e *Tonalização de Quadros* (GOFFMAN, 2012).

Argumentamos que a crise civilizadora instalada no país se deve à correlação entre política, neoliberalismo e interesses privados que influenciam o modo como a pandemia de Covid-19 é gerenciada. Esses elementos fazem parte de um microcosmos da falência moral. Entretanto, sugerimos estarmos diante de uma nova configuração anticivilizatória com a emergência de tecnologias sociais de eugenia estreita à "pedagogia da crueldade" (SEGATO, 2018).

A falência moral associada ao comportamento e às práticas sistemáticas da Prevent Senior será problematizada aqui a partir de reflexões eliasianas sobre configurações sociais e processos descivilizadores (ELIAS, 2011; 2011a), do interacionismo simbólico de Goffman (2012) em relação ao jogo de fachadas na esfera ritual da política do negacionismo, da produção de violência extrema na esfera de eventos críticos (DAS, 2020) e da sensibilidade nefasta de uma ordem totalitária (ARENDT, 2008; 2021; SEGATO, 2018). Reproduzimos, sob a forma de quadros situacionais, três momentos scandalizados nas redes sociais e na mídia impressa e virtual do depoimento em CPI da advogada Bruna Morato, que apontam para os processos descivilizadores atualmente vivenciados no Brasil.

Ato 1: "Óbito também é alta"

Senador: Se eu não tiver enganado, a senhora relatou um determinado intervalo para internação em UTIs, seriam 14 dias, e, após, esse período, a saída para paliativos. Isso é informação, isso consta em algum lugar?

Advogada: Eu gostaria que essa informação fosse averiguada e essa informação não consta na denúncia. Foi uma informação que eu recebi posterior à denúncia e o relato foi o seguinte: de que pacientes internados em determinadas unidades de terapia intensiva, cuja **internação tivesse mais de 10 ou 14 dias, a esses pacientes o procedimento indicado era a redução da oxigenação. Ou seja, eles iam reduzindo o nível dos respiradores. Esses pacientes, segundo informações dos médicos, eles evoluíram para óbito na própria UTI.** Então você tinha uma liberação de leitos. **A expressão que eu ouvi ser**

muitas vezes utilizada é: "óbito também é alta" (Fonte: Transcrição de áudio publicado pela Comissão de CPI da Covid-19 no Senado, em outubro de 2021, e viralizada em redes sociais. Destaque em negrito dos autores).

Esse diálogo nos transporta para uma cena de tragédia shakespeariana em que o sórdido, a monstruosidade, o horror, a crueldade e a hediondez das ações humanas são ingredientes de uma Corte que desafia os limites da imaginação e da realidade na confirmação da necropolítica (MBEMBE, 2018). Não se pode desprezar a imaginação do teatro macabro nas manifestações ideológicas e políticas do cientificismo da Prevent Senior e das suas práticas concretas de uma política da morte.

Para Segato (2018), a *pedagogia da crueldade* ou a *pedagogia das coisas* está relacionada com a normalização de modalidades de crueldade e de sofrimento, em especial nas experiências cotidianas, cuja razão de ser é aprender a não produzir compaixão, a não sentir, a não produzir empatia. Nessa compreensão, a banalização do mal abre espaços para o entendimento arendtiano do totalitarismo (ARENDT, 2008; 2010), e da necessidade do "funcionário" de acatar ordens sob a necessidade imperiosa de uma "obediência servil" (ARENDT, 2021) própria da crueldade em regimes totalitários.

Segato (2018) discute os efeitos da empresa colonial e imperial moderna sobre as atuais estruturas de afeto, definindo a crueldade como regime de sensibilidade em termos de instauração onipresente da racionalidade instrumental. Esta *pedagogia da crueldade*, que *coisifica* o vínculo relacional, que *comodifica* o processo e o produto do trabalho, que retira do mundo dos bens e das trocas o elemento da empatia, afirma a lógica da submissão, da subalternização e da captura moral-emocional do outro como adversidade a ser superada, fora do lugar, inútil e descartável, que jamais pode assumir o estatuto moral de *vítima* da *crueldade*.

A pedagogia da crueldade nega seu efeito de produção de dor e sofrimento, de desfiguração moral de reputações e memórias e de desumanização de subjetividades. Este projeto de uma moral amoral abarca *toda a história* (passado, presente e futuro são cruelmente estreitados para a prática pedagógica perversa), *todo o humano* (uma moralidade pretensamente universal e universalista é imposta como padrão de valor) e, por fim, *toda a vida* (o complexo de interações e relações entre os vivos é estabelecido como palco e recurso da pedagogia da crueldade).

A *pedagogia da crueldade, das coisas e do totalitarismo* implica no impedimento da empatia e do reconhecimento do direito à existência autônoma. Temos uma macabra

organização do ódio militante que se infiltra nas mentalidades, nos comportamentos e corrompe moralidades. Essa pedagogia de horrores inculca no indígena-camponês e no trabalhador precarizado a lógica do programa de exploração e morte do colonizador e do patrão! Para Segato (2018, p.11):

Llamo pedagogías de la crueldad a todos los actos y prácticas que enseñan, habitúan y programan a los sujetos a transmutar lo vivo y su vitalidad en cosas. En ese sentido, estas pedagogías enseñan algo que va mucho más allá del matar, enseñan a matar de una muerte desritualizada, de una muerte que deja apenas residuos en el lugar del difunto. [...] el lenguaje más preciso con que la cosificación de la vida se expresa. Sus deyectos no van a cementerios, van a basurales. [...] La repetición de la violencia produce un efecto de normalización de un paisaje de la crueldad y, con esto, promueve en la gente los bajos umbrales de empatía indispensables para la empresa predatora. La crueldad habitual es directamente proporcional a formas de gozo narcisista y consumista, y al aislamiento de los ciudadanos mediante su desensibilización al sufrimiento de los otros.

Esta pedagogia da crueldade assume contornos concretos e imediatos quando chega ao cotidiano do ator social comum em seu leito hospitalar no contexto da pandemia de Covid-19, na compra de fármacos sem eficácia comprovada, e prometidos como esperança de cura. Instaure-se uma vida social fraudulenta que se expressa no consumo corriqueiro de desinformação, manipulação, mentira e fraude de vulnerabilidade social. A atual 'corte' (ELIAS, 2011) presidencial bolsonarista mostra sua fachada neoliberal mais perversa de privatização dos riscos e das emoções (KOURY, 2017) que busca submeter e subalternizar o destino individual entregue a si mesmo. Tratar-se-ia de uma nova sensibilidade que deixa em colapso a esfera da "sensibilidade humanitária", do registro da "razão moral" como configuração social? Para Segato, o "argumento moral" não parece ser mais suficiente para mobilizar opiniões, emoções e consciências (BECKER, 2008) de decisão de vida e de morte. Novas racionalidades se impõem para escapar de políticas de morte ou colapsá-las.

O testemunho do escritor e jornalista Jean Améry, sobrevivente do totalitarismo do Terceiro Reich, explica o "abismo moral" da refundação de políticas de morte e de extermínio. Adverte como pistas contemporâneas, pós-holocausto, apontam para a revitalização de consignas de ódio e de terror contra determinados povos e identidades culturais¹² (AMÉRY, 2001, p. 43).

¹²Refere-se às novas manifestações de antissemitismo, da problemática do sionismo, e da "consigna 'Morte ao povo judeu'" de certos "jovens antifascistas" alemães e sua compreensão do conflito Israel-Palestina (AMÉRY, op.cit., p.44).

No Brasil atual, a produção de políticas de ódio, terror e desumanização do outro se materializam, por exemplo, na redução e no descaso governamental de envio de oxigênio para os hospitais da região amazônica, no *procedimento indicado*, pela Prevent Senior, de *redução de oxigenação* em pacientes em UTI que seriam conduzidos a óbito, na pedagogia da crueldade de *óbito também é alta*. Se a essa operacionalização genocida da gestão da pandemia se soma a disseminação em massa das *fake news*, temos uma configuração amoral do social e de falência civilizacional em curso. Ao pensarmos em *óbito também é alta*, buscamos lançar luz para situações-limite¹³ de falência moral. Em latente sofrimento físico, emocional e psíquico, pacientes internados se convertem em artefatos para a experimentação de uma situação sanitária e moral a ser eliminada através de políticas de morte que funcionam como *leitmotiv* de campanhas neoliberais como aquela de *o Brasil não pode parar*.

De fato, as mortes geradas pela pedagogia da crueldade de *óbito também é alta* refunda formas de totalitarismo e eventos críticos (DAS, 2020). Das (2020) nos ajuda a entender que a memória do genocídio pandêmico não "precisa ser exumada", pois ficará impressa na governança brasileira, no sofrimento individual e coletivo de pessoas vítimas da Prevent Senior e, em maior escala, das mais de 600 mil vidas perdidas, nos termos de cena macabra sempre presente e naturalizada pela máquina mortífera de uma política oficial que administrou a pandemia nos termos de um assassinato em massa, tal qual circunstâncias históricas totalitárias (ARENDT, 2021).

No caso da modalidade *óbito também é alta*, trata-se de uma "redução satisfatória" que nutre as figurações culturais tensas de processos descivilizadores (ELIAS, 2011). Prevent Senior promove uma sobrevivência com "valor adaptativo" (KLUCKHOHN e MURRAY, 1965, *op.cit.* em KOURY, 2021, p. 58) da normalização de crueldade como sensibilidade moderna de poder e gerenciamento da vida e da morte. Sontag (2003), no seu livro *Diante da dor dos outros*, reflete sobre a produção e os efeitos de imagens estarrecedoras de dor, morte e de guerra: a publicação de imagens de dor e sofrimento por si só não são suficientes para impedir novas tragédias.

No contexto pandêmico, assistimos a uma espetacularização midiática do sofrimento social marcada por eventos estarrecedores de centenas de corpos empilhados (ROMERO 1, 2020). Até que ponto a publicidade de uma política da morte pode mobilizar e produzir outras sensibilidades éticas e racionalidades transformadoras sociais na instauração de

¹³As situações-limites provocam choques de realidade pela sensação de destruição do universo simbólico e moral construído e vivido (KOURY, 2020, p. 17).

civilidade, empatia e políticas de cuidado? Eventos críticos de chacinas no Brasil não são raros (BARBOSA, 2019) e permitem supor a atualidade do pensamento de Sontag (2003), acima referido.

Dinâmicas amorais repercutem no **medo** do vazamento de informações sensíveis, da captura judicial das dinâmicas anticientíficas de *tratamento precoce* da Covid-19 e de negação do óbito por Covid-19; repercutem também no **constrangimento** pelo apagamento de arquivos de redes sociais para evitar e conter danos político-discursivos. Por sua vez, a gestão de fachadas desacreditáveis em ritualidades públicas como velório e sepultamento, assim como a mentira admitida em relação à vitimidade por Covid-19 (expressa na fraude indireta de documentação e de protocolos de saúde pública) são expressões de uma pedagogia da crueldade e de falência social. Eis uma questão que nos permite lançar chaves analíticas de produção de diversas éticas e moralidades tensionadas em situações limite.

Tratamos agora do segundo ato performático-situacional, aqui destacado no depoimento da advogada Bruna Morato em sede de CPI, para efeitos de abordagem dos processos descivilizadores que abarcam os elementos de acusação, de espetacularização e de escandalização moral presentes no depoimento sobre a rotina relacional sistemática de produção banal e cruel do engodo, do engano e do autoengano no interior da Prevent Senior para a consecução do esquema político-ideológico de captura e manipulação do discurso médico-sanitário perversamente comercializado como *esperança de cura*.

Ato 2: Hidroxicloroquina como Esperança

Advogada: Os médicos eram sim orientados à prescrição do kit e esse kit ele vinha num pacote fechado e lacrado. Não existia autonomia com relação a... até a retirada de itens desse kit. Quando o médico ele queria tirar algum kit, ainda que ele riscasse na receita, o paciente recebia ele completo. Eu desconheço qualquer outra instituição médica e olha que eu atendo muitas instituições médicas que tenha feito esse tipo de prática. Então, o conjunto de medicamentos, apesar de ser ineficaz para aquela população, ele se tornava letal. Potencialmente letal. A diferença entre a Prevent Senior e as outras operadoras de saúde é o público. Primeiro, **o público é altamente vulnerável**. Porque o paciente idoso ele **confia muito**, ele vê **o médico como autoridade máxima**, e a partir do momento que **ele confia no médico, ele recebe orientação do médico, ele deixa de fazer qualquer pré-julgamento**. Porque na visão dele o médico que é o melhor. O que eles me explicaram foi o seguinte: existe um interesse do Ministério da Economia para que o País não pare. E se nós entramos nesse sistema de lockdown, nós teríamos um abalo econômico muito grande. Então existia um plano para que as pessoas pudessem sair às ruas sem medo. A economia não podia parar. E o que eles tinham que fazer era isso. **Conceder esperança pra que as pessoas saíssem às ruas. E essa esperança tinha um nome: hidroxicloroquina.**

O depoimento da advogada Bruna Morato enfatiza o uso dos termos *confiança* e *esperança* para a descrição e classificação moral-emocional da reciprocidade estabelecida entre pacientes e Prevent Senior, associada ao modelo de comunicação que a corte presidencial bolsonarista buscava construir. A confiança é entendida como o sentimento e o processo moral que aponta para a predisposição do indivíduo de construir e preservar vínculos sociais, na tensão permanente do jogo simbólico-interacional (GOFFMAN, 2012).

O confiar está preenchido por segredos, ressentimentos, sentimentos de traição e por imposições hierárquicas continuamente negadas e constantemente negociadas (KOURY, 2002; 2008). Simmel (1964; 2003; 2004), nesse sentido, discute a sociabilidade construída pela confiança e pela lealdade: a confiança é a busca de uma lealdade total, sempre quebrada pela possibilidade da desconfiança que paira como uma ameaça em um grupo de iguais. A antecipação da traição estabelece os limites para cada ato de confiabilidade; ao mesmo tempo possibilita a renovação dos laços e um aprimoramento das regras de confiança que unem o grupo em uma tensão permanente entre a união e a desunião possível.

Ao anunciar em sede de CPI que os médicos que trabalhavam para a Prevent Senior *eram sim orientados à prescrição do kit e esse kit ele vinha num pacote fechado e lacrado*, a advogada Morato acaba por dar vazão ao vexame do segredo rompido. Essa escandalização¹⁴ midiática ocorre tanto no *sentido goffmaniano de escândalo* como implosão e borramento das fronteiras físicas e comunicacionais; quanto no *sentido eliasiano de escândalo* como narrativa de rebaixamento moral da coletividade diante de etiquetas civilizadoras sinalizadas no limiar público da vergonha e da repulsa, gerando uma verdadeira *Schande* (*vergonha desgraça*).

Este segredo implicava a ocultação do abuso da autoridade médica para a produção sistemática de 'engodo', expresso no kit covid *fechado e lacrado* para qualquer inspeção médica confiável e logo passado adiante para o paciente, ainda que *ele (o médico) riscasse na receita*. Com efeito, aqui o mal banalizado¹⁵ extrapola jocosidades possíveis do jogo goffmaniano de fachadas, desculpas de si e acusações do outro ao adentrar a dimensão da desfiguração moral de agrupamentos humanos. Uma vez assumindo a

¹⁴Em Goffman, a produção de moralidades aponta para variados fluxos e fachadas simbólico-interacionais; já em Elias a questão do escândalo diz respeito à própria lógica destrutiva de processos descivilizadores.

¹⁵A noção de *banale* e de *banalidade*, em relação à violência *cruel*, aponta para a trivialidade e insignificância deste fato social no atual contexto de gestão perversa da pandemia da Covid-19 no Brasil.

lógica transintencional da violência¹⁶, esse processo descamba em desumanização coletiva. O escândalo eliasiano na forma de *Schande (vergonha desgraça)*, assim, descreve a penetração de processos descivilizadores na sociedade, de maneira que políticas institucionalizadas de morte e a generalização de sensibilidades amorais, na lógica argumentativa eliasiana¹⁷, afetam profundamente o *habitus* de uma figuração social com repertórios simbólicos que passam a configurar o absurdo comum de situações, objetos e subjetividades perversos (BARBOSA, 2019, p. 287-289).

O empreendimento moral (BECKER, 2008) de caráter descivilizador projetado pela Prevent Senior era o de *Conceder esperança pra que as pessoas saíssem às ruas*, como apontou a advogada Morato. Temos a flagrante manipulação da noção de esperança, e ainda mais grave, a falência civilizacional que provoca a desorganização generalizada dos sinais de confiança nas instituições públicas e nos espaços simbólico-interacionais.

Imagem 3: Máscara de proteção anti-Covid-19 jogada na calçada de um bairro nobre de Salvador, Bahia, ao que um trabalhador da área comentou que os ricos descuidam dos cuidados profiláticos. O então Ministro da Saúde, Queiroga, negava a eficácia da máscara.



Fonte: Produzido em Pesquisa de Campo por Romero (outubro de 2021).

Estes sinais de confiança¹⁸, ao se tornarem ambíguos e ambivalentes em situações

¹⁶Por lógica transintencional da violência entendemos o caráter geométrico, supraindividual e criativo da hiper-espiritualidade, isto é, aquele combinado de ações individuais que não somente se somam em situações específicas, mas que se multiplicam e se expressam em formas imprevistas e imprevisíveis de efeitos para além de seus momentos genéticos.

¹⁷No entender de Elias (2011 e 2011a), a sociedade moderna se organiza enquanto figurações sociais de indivíduos em redes de interdependência, tendo a emoção *vergonha* como o momento social e psíquico central de regulação cotidiana da economia dos afetos e, por conseguinte, da motivação interna e da recompensa externa que orientam a ação social legítima.

¹⁸Nas interações coletivas, o "Nós relacional" deposita no indivíduo a confiança que o permite armar-se de uma coragem além de sua própria unidade psíquica, mas somente enquanto parte de uma figuração social

sociais tomadas pela vergonha desgraça (*Schande*) e por uma lógica generalizada de desculpas de si e acusações do outro, trazem à tona as pedagogias da crueldade (SEGATO, 2018) e do totalitarismo (ARENDT, 2008 e 2010). Por sua vez, a imposição político-ideológica da corte presidencial bolsonarista se arvora a capturar todas as formas de autonomia (como a autonomia médica), de contrafactualidade (como a reflexividade à crítica científica), de confiança (tanto nas situações simbólico-interacionais imediatas e cotidianas quanto nas instituições e moralidades mais reificadas), de esperança (em um devir menos cruel) e, por fim, de humanidade (como sacralidade de cada vida individual). Estes rearranjos das sensibilidades éticas em contexto generalizado de falência civilizacional implicam embaralhamento das fronteiras e hierarquias morais simbólicas (HUGHES, 2013). A quebra de confiança nos consensos sociais mais amplos resulta em sensibilidades éticas fraturadas e ansiosas.

Ato III: *Cena macabra: kit covid e neoliberalismo*

O senador Randolfe Rodrigues, vice-presidente da CPI, proferiu que o relato da advogada Morato *mostra uma cena macabra*. Randolfe expressou preocupação em relação às supostas *consignas nazistas SS como lema de uma empresa privada que deveria cuidar da saúde*¹⁹.

A lógica neoliberal perversa do mercado desregulado parece, então, remontar a experiência totalitária utilitarista das grandes utopias modernistas, mas agora em regime privatista, exclusivista, de reprodução do sobrevalor econômico na evitação do tratamento hospitalar digno (“Óbito também é alta!”) e da imposição oportunista do placebo-veneno que faz *sumir os indesejáveis* ao passo que *normaliza* o social para as trocas econômicas (Hidroxicloroquina como Esperança!): o complexo médico-sanitário da Prevent Senior desponha, portanto, como tecnologia social de captura de corpos e de medicalização da vida e da morte mediante o artifício neoliberal do kit covid.

Ao analisar essa concatenação de eventos segredados e logo escandalizados, podemos sugerir com Jean Améry que “Cuando um acontecimento nos desafia de forma extrema, no se debería hablar de banalidade, pues en ese punto no hay posibilidad de abstracción ni la imaginación es capaz siquiera de aproximarse a la realidad”²⁰ (AMÈRY,

dada. Nesse sentido, o arriscar-se, o ter coragem, é fortemente condicionado por sinais de confiança por parte do outro relacional.

¹⁹Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tt1dWaQ8Fq8>. Acesso em 07/10/2021.

²⁰ Tradução livre dos autores: “Quando um acontecimento nos desafia de forma extrema, não se deveria falar de banalidade, pois nesse ponto não há possibilidade de abstração e a imaginação não é sequer capaz de aproximar-se da realidade”.

2001, p.87). A quebra do pacto social, da confiança e da solidariedade social são aspectos que se enquadram como susceptíveis de gerar a 'morte da esperança', a anomia social. Os diálogos analíticos com Amèry nos ajudam a indagar: até que ponto podemos borrar, reparar e perdoar o que está acontecendo com a gestão política brasileira da pandemia? De que modo as moralidades e sentimentos em disputa e tensionados no social nos interpelam? É possível esquecer os nossos mortos, perdas evitáveis mediante gestão política e sanitária coerente e eficaz? Não sabemos como poderíamos pensar a noção de reconciliação pública diante das práticas genocidas. Pois que as Fake News, verdadeiras tecnologias de morte, buscam alienar e incentivar com veemência o esquecimento da mortandade pandêmica no Brasil. Concordamos plenamente com o argumento de que "El hombre moral exige la suspensión del tiempo [...] responsabilizando al criminal de su crimen"²¹ (AMÈRY, 2001, p. 153).

A quebra do pacto social, da confiança e da solidariedade são aspectos que se enquadram em uma variabilidade de fenômenos como susceptíveis de gerar a 'morte da esperança', a anomia (DURKHEIM 1995; 1995a). Para Durkheim, os laços sociais são necessários, pois geram confiança e a manutenção do equilíbrio na sociedade. Nessa discussão, em "A cruel pedagogia do Vírus", Boaventura dos Santos (2020) busca desmistificar a relação binária entre crise pandêmica e normalidade, entre o anômico liminar e a ordem assentada na confiança em expectativas comuns. Quando uma situação de crise se instala perenemente, temos um contrassenso, pois "a ideia de crise permanente é um oxímoro". Um 'novo normal', 'um novo real' e os dilemas envolvidos entre enunciados comuns do tipo: 'parece que essa pandemia nunca vai acabar' são frases de efeito e de des(esperança).

Entretanto, é preciso problematizar as ações e os efeitos do neoliberalismo. Globalmente, a crise de Covid-19 escancarou as graves desigualdades sociais, a miséria extrema e, no Brasil, deixou à mostra o fantasma da fome. Se a pandemia vem para agravar uma situação-limite, uma crise, como argumenta Boaventura dos Santos, que é ressignificada pelas políticas neoliberais no mundo todo, então, é preciso erradicá-la com a maior urgência possível, pois sua emergência atrelada ao neoliberalismo promove morte e destruição como crise global, "Daí a sua específica periculosidade" (SANTOS, 2020) amparada pela falência civilizacional.

A correlação entre neoliberalismo e a pandemia da Covid-19 precisa considerar,

²¹Tradução livre dos autores: "O sujeito moral exige a suspensão do tempo [...] responsabilizando ao criminoso pelo crime que cometeu".

assim, que as experiências sociais suscitadas por doenças pandêmicas devem ser compreendidas na observância de sociedades históricas determinadas. O vírus da Sars-Cov-2, nesse sentido, escancara a crise do neoliberalismo; mas o vírus não pode ser visto como o motor da crise estrutural global e de como os fluxos do capitalismo (JAPPE *et al.* 2000) influenciam as desigualdades sociais e a falência civilizacional no contexto das experiências vividas de sujeitos coletivos e individuais.

Imagem 4: Catador de lixo. Farol da Barra, Salvador - BA, no contexto do tempo pandêmico.



Fonte: Produzido em Pesquisa de Campo por Romero (outubro de 2021).

A falência civilizacional e o macabro do negacionismo político provocados pela crise do neoliberalismo foram sistematicamente utilizados, - em tons de escárnio vocalizado, - como estratégia de empreendimento moral, tal como aludido pelo senador Randolfe Rodrigues ao comentar as práticas perversas e cruéis da Prevent Senior e tal como rigorosamente sistematizado em estudo realizado na Faculdade de Saúde da USP pela Conectas Direitos Humanos²². O estudo apresenta extensivo quadro cronológico da

²²Ver reportagem *Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma "estratégia institucional de propagação do coronavírus"*, publicada em 21 de janeiro de 2021 no Jornal El País (Ver: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>).

narrativa negacionista da corte bolsonarista em pleno desenrolar de sua estratégia de disseminação de Fake News e de banalização da morte e do sofrimento. A tabela abaixo resume três momentos escandalosos envolvendo a figura presidencial:

Tabela 1: Falas escandalosas do atual presidente situadas cronologicamente em relação ao desenvolvimento da pandemia da Covid-19.

Contexto da Fala		Fala do Presidente Jair Bolsonaro
07.03.2020	Visita oficial da corte presidencial bolsonarista à Florida (EUA), então área de alto risco pandêmico. Ao menos 23 membros contraíram Covid-19.	"Obviamente temos no momento uma crise, uma pequena crise. No meu entender, muito mais fantasia. A questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propala ou propaga pelo mundo todo".
28.04.2020	Presidente comenta oficialmente o quadro pandêmico em entrevista de alcance nacional.	"E daí? lamento, quer que faça o quê? Eu sou 'Messias', mas eu não faço milagre".
30.07.2020	Fala do presidente durante uma aglomeração em Bagé, RS.	"Lamento as mortes. Morre gente todo dia, de uma série de causas. É a vida!"

Fonte: Informações retiradas de reportagem do Jornal El Pais (<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>).

Haja vista a negação da vitimidade por Covid-19 no discurso oficial, urge pensarmos em uma multidão de "desaparecidos": figuras cujos lutos foram impedidos e que conjugam a potência analítica e a densidade moral-emocional do que problematizamos como falência civilizacional generalizada (KOURY, 2003 e 2011). E isto por três razões:

1) O 'desaparecido' registra em sua corporeidade o protocolo cruel de descarte de vida indesejável, onde o discurso negacionista da corte presidencial autoritária modula a novilingua *Óbito também é alta*;

2) O 'desaparecido' é produzido em um processo complexo de torsão de gramáticas morais. A confiança e esperança, isto é, a segurança ontológica na figuração presente e nas projeções de futuro são traídas e rompidas de forma deveras sofisticada por acordos, conchavos e cumplicidades de submundo. Recupera-se o discurso negacionista como modulador de uma novilingua, do sabidamente ineficaz como esperança.

3) O 'desaparecido' habita uma vida moribunda e uma morte profanada no sequestro do corpo, sem descanso, que polui o imaginário dos vivos em lamento: um verdadeiro muro-pesadelo. Nas palavras de Lorca (2014, p. 32): Me separa de los muertos / Un muro de malos sueños.

A cena macabra que conjuga a moralidade amoral do kit covid, - enquanto

cumplicidade da fraude admitida em regime de engano e autoengano para a medicalização da vida e da morte, - e do neoliberalismo, - enquanto organização socioeconômica do valor material e simbólico da reciprocidade, sob a ótica utilitarista perversa da privatização, - parece assumir no negacionismo o sintoma latente da atual crise social anticivilizatória brasileira.

Como pontua Barbosa (2020, p. 144), tem-se uma cultura emotiva e moral cooptada pelos sentimentos de (des-)confiança, de falência dos sistemas peritos, de banalização da verdade objetiva e do pensamento contrafactual como excrescências e resíduos de narrativas públicas cada vez mais pautadas em fenômenos de fake news, de image making, de trollagem, de footing e de redução do outro relacional ao marca, vulgo *otário*, do jogo social (GOFFMAN, 1998, 1998a e 2014). A seriedade e a gravidade desse contexto de fracasso e de ressentimento na desarticulação de processos civilizadores, contudo, permanece mal administrada no exercício, - ora ferino, ora consolador, como destacamos nas charges - do humor e da jocosidade brasileiros: no caso em questão, uma satirização sagaz e espirituosa da corte presidencial como emblematização narrativa da crise civilizacional generalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita nos apresenta diversos desafios como Cientistas Sociais em um contexto pandêmico, em que o desmonte institucional de políticas públicas fere as configurações históricas mais básicas de civilidade e de pacto social. O artigo buscou ampliar a construção da reflexividade no campo analítico da Antropologia e Sociologia das Emoções e Moralidades. A análise tentou adensar conhecimentos não apenas com relação à pandemia da Covid-19, no escopo da crise sanitária generalizada no Brasil, mas especialmente no âmbito do íntimo das relações cotidianas em que morte e luto são fenômenos encarnados nas pessoas vitimadas em distintos graus pela gestão política da pandemia.

Tal como analisamos na primeira parte deste artigo, dinâmicas amorais com base no cientificismo repercutem no **medo** do vazamento de informações sensíveis e da captura judicial das dinâmicas anticientíficas de *tratamento precoce* da Covid-19, de cura da doença via *kit covid* e de negação do óbito, seja por razões primárias ou secundárias, em decorrência de infecção por Covid-19. Repercutem também no **constrangimento**

pelo apagamento de arquivos de redes sociais como parte de uma estratégia de evitação e de contenção de danos em relação a experimentos ilegais, especialmente realizados pela rede Prevent Senior, para a imposição de uma discursividade oportunista e conveniente de medicalização da doença.

A gestão de fachadas desacreditáveis em ritualidades públicas, - como velório e sepultamento, - assim como a mentira admitida em relação à vitimidade por Covid-19 (expressa na fraude indireta de documentação e de protocolos de saúde pública) são, assim, expressões de uma pedagogia da crueldade que, no interior dos depoimentos da CPI da Covid-19, adquirem dimensões assombrosas e grotescas na explicitação da banalidade do mal como derradeiro do teatro macabro de produção de morte no Brasil. Teatro macabro este que multiplica os 'desaparecidos': vítimas da gestão neoliberal da pandemia e síntese da falência civilizacional ora em curso!

Referências bibliográficas

- AMÉRY, Jean. *Mas allá de la culpa y la expiación: tentativas de superación de una víctima de la violencia*. Valencia: Pre-Textos, 2001.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDT, Hannah. *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- BARBOSA, Raoni Borges. *Emoções, Lugares e Memórias: um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel*. Mossoró: Edições UERN, 2019.
- BARBOSA, Raoni Borges. Sobre o sentimento de fracasso no contexto global e nacional de pandemia da Covid-19. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, Suplemento Especial, p. 125-146, 2020.
- BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Ed. Unifesp, 2020.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins fontes, 1995.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*, v1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma formação do Estado e Civilização*, v.2. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (Orgs.). *Sociolinguística interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE Editora, p. 11-15, 1998a.
- GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2012a.

GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 266- 283, 2014.

GUSFIELD, Joseph R. *Symbolic crusade: Status Politics and the American Temperance Movement*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

JAPPE, Anselm et all. *Capitalismo em quarentena: notas sobre a crise global*. São Paulo: Elefante, 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Sociologia da emoção: o Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes. 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Luto e sociedade no Brasil do final do século XX: o imaginário sobre a morte, a dor e a perda na cidade de João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad*, Córdoba, v. 3, n. 5, p. 6-14, abr./Jul. 2011.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Etnografias Urbanas sobre Pertença e Medos na Cidade. *Cadernos do GREM Nº 11*. João Pessoa: Edições do GREM; Recife: Bagaço, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, Suplemento Especial, p. 13-26, 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Cotidiano e Pandemia no Brasil: emoções e sociabilidades*. Recife: GREM-GREI Edições, 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopolítica, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMERO, Fanny Longa. Além da culpa e da expiação: covid-19 e as fissuras de gramáticas emocionais. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 19, n. 55, Suplemento Especial, p. 147-159, 2020.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SIMMEL, Georg. O conflito como sociação. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 10, n. 30, p. 569-574, 2011.

SIMMEL, Georg. A tríade. In: Maria Claudio Coelho (Org. e tradução). *Estudos sobre interação: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 45-74, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la crueldade*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

TOLSTÓI, Leão. *A morte de Ivan Ilich*. Lisboa: Ed. Verbo, 1973.

WEBER, Max. *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, 1974.